

A manipulação sensorial do espectador através do som: uma análise de cena do filme “X – A Marca da Morte”¹

Priscila Ribeiro Chequer LUZ²

Pablo Lima ALMEIDA³

Iago Oliveira ALVES⁴

Loren Santos SILVA⁵

Maria Luiza Viana SANTOS⁶

Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, BA

RESUMO

O estudo analisa a paisagem sonora de uma cena do filme "X - A Marca da Morte" (2022) e discute a importância da sonoplastia na criação de atmosferas em filmes de horror. A análise se concentra em uma cena de assassinio e observa a tensão pré-assassinato, o frenesi do ato criminoso e o prazer pós-morte. Fundamentada nos conceitos de Lawrence Shum (2008) e Rodrigo Carreiro (2011), a pesquisa investiga as funções e classificações do som, além dos padrões no cinema de horror. O trabalho pontua a sonoplastia como crucial na manipulação sensorial do espectador e demonstra a eficácia das técnicas sonoras na criação de atmosferas e na narrativa de filmes, especialmente do gênero horror.

PALAVRAS-CHAVE: sonoplastia; paisagem sonora; trilha sonora; pacto audiovisual; cinema de horror.

1 INTRODUÇÃO

O estudo da sonoplastia comumente se direciona tanto à produção de conteúdo sonoro quanto à observação dos sons em qualquer campo de análise, sejam estes reais ou tecnicamente construídos. No entanto, ao examinar os sons no dia a dia, por exemplo, percebe-se que a compreensão de um som é acompanhada de muitos outros, e esta união

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Estudos de/em Comunicação, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 8 a 10 de maio de 2024.

² Professora do Curso de Comunicação Social – Rádio, TV e Internet da UESC, email: prcluz@uesc.br.

³ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Comunicação Social – Rádio, TV e Internet da UESC, email: plalmeida.rti@uesc.br.

⁴ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Comunicação Social – Rádio, TV e Internet da UESC, email: ioalves.rti@uesc.br.

⁵ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Comunicação Social – Rádio, TV e Internet da UESC, email: lssilva.rti@uesc.br.

⁶ Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Comunicação Social – Rádio, TV e Internet da UESC, email: mlvsantos.rti@uesc.br.

de sons origina uma paisagem sonora efetivamente preenchida. Para Schafer (2001), a paisagem sonora é qualquer parte do ambiente sonoro que pode ser estudada, portanto diferentes paisagens sonoras contêm suas especificidades de acordo com o contexto e causam, de forma passiva ou ativa, diferentes sensações.

Desse modo, a manipulação do som é uma atividade essencial na criação de conteúdo audiovisual e a sua análise se torna importante para observar como as técnicas empregadas conseguem desencadear emoções ou até mesmo interrompê-las. Quando um espectador comum assiste a um produto audiovisual, perceber a complexidade de sua sonoplastia e a influência exercida por ela para guiar ou intensificar sensações não é uma tarefa simples, e isso se dá principalmente pela força do Pacto Audiovisual. Sendo proposto por Michel Chion, esse conceito denota a aceitação da realidade oferecida pela reprodução visual e sonora de um produto e a imersão causada pela união técnica e coesa das imagens e dos sons, sobretudo por meio dos pontos de sincronização, *Synchresis*.

Assim, quando se estende o olhar para o universo cinematográfico, sobretudo na indústria do horror, nota-se que o gênero é preenchido por padrões. Como discorre Peter Hutchings em sua obra intitulada “*The Horror Film*”, “Apesar dos antecedentes no cinema mudo, o horror é primordialmente um gênero baseado no som” (2004, p. 128), e mesmo diante das inovações no campo, o som, ou a ausência dele, permanece trazendo a maioria das sensações que são pretendidas: o medo, a tensão, a expectativa, o susto.

Dentro dessa perspectiva, analisaremos uma cena do longa-metragem dirigido por Ti West “*X - A Marca da Morte*” (2022). O horror é o primeiro de uma trilogia que inclui a prequela “*Pearl*” (2022) e “*MaXXXine*”, previsto para julho de 2024. Seguindo uma estética voltada aos antigos thrillers, a história segue um grupo de jovens que vão até uma longínqua fazenda de dois idosos para gravar filmes adultos, mas quando são pegos no ato, começam a ser caçados e mortos um a um pelo casal. Mais especificamente, a cena escolhida mostra o momento em que a velha Pearl (Mia Goth) faz sua primeira vítima, o cinegrafista RJ (Owen Campbell), o qual se recusa a ter relações sexuais com ela.

Para contemplação e análise da variedade sonora encontrada no trecho do filme, que vai do minuto 55:53 ao 62:36 da referida obra cinematográfica, partiremos dos conceitos técnicos usados por Lawrence Shum para classificar os sons de acordo com as suas intenções e funções, bem como eles são percebidos, e trabalharemos ainda com a abordagem de Rodrigo Carreiro (2011) sobre os padrões no cinema de horror.

2 ANÁLISE

De modo geral, a sonorização do trecho é bastante silenciosa, o que acentua o suspense da trama e cria ambientes perfeitos para momentos de contraste, como o usual *jump scare* e a pretendida manipulação das emoções, os quais enriquecem a ação das personagens. Nesse sentido, além das trilhas sonoras presentes, a cena conta com poucos sons não-diegéticos - fora do tecido narrativo - que são inseridos em momentos pontuais para exercer o papel do susto ou causar repugnância em quem assiste. A maior parte da cena é preenchida por sons diegéticos, que são realmente ouvidos ou causados pelos personagens - passos, manipulação de objetos, sons do lugar, falas e sons internos. Dentro do trecho selecionado, destacam-se três partes principais do discurso narrativo: a tensão do pré-assassinato, a frenesi do ato criminoso e o prazer alcançado após a morte.

2.1 A tensão pré-assassinato

No primeiro momento, desde o banho da personagem RJ, se instala o sentimento de tensão, já que além do som interno objetivo de choro da personagem, o único outro som presente é o do chuveiro, o qual preenche o ambiente alternando-se entre *onscreen* (fonte sonora visível) e *offscreen* (fonte sonora suprimida no visual). Vale ressaltar que a construção desse primeiro momento se deu de maneira semelhante à cena presente em “Psicose” (1961), outra obra cinematográfica de horror, de Alfred Hitchcock. RJ então se veste, apanha as chaves do carro e sai de casa. Do lado de fora, pode-se notar os ruídos de uma noite do campo principalmente pelo protagonismo dos grilos e pelo vento entre as gramas altas do lugar, o que Shum (2008) denomina como elementos discretos da paisagem sonora, pois caracterizam o espaço apresentado na imagem. Quando a personagem entra no carro e liga o rádio, a música que começa a tocar é inicialmente classificada como “*on the air*”, pois se concretiza como som emitido por aparelho tecnológico dentro da trama, e também passa a se apresentar como *offscreen*, se unindo ao *keyframe* sonoro dos grilos e do vento para criar uma textura sonora ambiente.

Contudo, a aparição repentina da Pearl, revelada pelos faróis do carro, é destacada com um efeito sonoro estrondoso e leva ao susto instantâneo. Carreiro trata dessa manipulação sensorial em filmes de horror:

Efeitos sonoros oferecem boas condições de manipulação emocional dos espectadores porque eles normalmente dirigem sua atenção à progressão narrativa (diálogos e imagens), sem pensar sobre os demais sons que compoem (sic) a trilha sonora.

Muitos cineastas exploram essa característica da recepção do som cinematográfico através do uso de sons fora de quadro. Eles utilizam efeitos sonoros e músicas para mobilizar afetivamente os espectadores. [...] Respostas afetivas relacionadas ao horror são alcançadas através de uma variedade de técnicas que incluem a audição de algum ruído inesperado (susto), o deslocamento no espaço de sons cuja origem é, ou pode ser, ameaçadora (tensão), e o retardamento do processo de identificação de um determinado som com o objeto, ser ou fenômeno físico que lhe origina (suspense), entre outras. (CARREIRO, 2011, p. 47)

A inserção da trilha sonora como elemento não-diegético de suspense quando a velha abraça RJ em ambiente externo intensifica a sensação de tensão, continuando no espectador o incômodo da situação. Outro aspecto interessante é a forma como, também de maneira repentina, o enquadramento da situação é rapidamente apresentado de dentro do carro e o som é fiel ao local do qual a imagem está sendo posta. Fora do veículo, o suspense é cortado quando a mesma golpeia o homem pela primeira vez no pescoço, uma grande quebra de expectativa aos mais desatentos, porém o único resultado possível para aqueles que conhecem o funcionamento do gênero, dada a iminência de perigo.

2.2 O frenesi do ato criminoso

A partir desse instante, a tensão é invadida pela adrenalina do ato: a música emitida pelo rádio cresce conforme o personagem se aproxima do carro a ponto de não se configurar mais como “*on the air*”, mas de se tornar uma trilha – frenética e agitada - já que ela ultrapassa os limites da narrativa. Jorrando sangue, RJ emite sons de engasgo e respiração ofegante, e a velha, grunhidos de prazer enquanto sobe em cima de sua vítima e continua a esfaquear sua garganta, ambos classificados como internos objetivos. Sobre a Pearl, percebe-se a característica gutural em sua voz durante todo o filme e isso converge com uma outra abordagem de Carreiro:

Se o grito está associado às vítimas, outro uso recorrente da voz no horror diz respeito aos ruídos vocais emitidos pelo monstro – a voz do agressor. Nesse ponto, é possível observar duas práticas comuns, dependendo da natureza do monstro. Nos filmes em que o assassino tem origem natural e humana (serial killers, psicopatas etc.) é comum que sua voz tenha textura gutural, com timbre grave, próximo ao limite de

audição para baixas frequências, percebido pelo ouvido humano. (CARREIRO, 2011, p. 46)

Ainda, as punhaladas se apresentam hora *onscreen* e hora *offscreen*, pois a câmera se coloca a mostrar tanto o rosto da assassina, quanto o corpo sendo ferido, a fonte sonora. Essa cena conta ainda com uma associação muito bem aplicada entre as facadas no ritmo da música e a iluminação vermelha que se acentua de acordo com as jorradadas de sangue que vão se depositando em cima dos faróis a cada retirada da faca do corpo do homem.

2.3 O prazer alcançado após a morte

Quando Pearl finaliza com RJ, o clima de angústia incutido sobre quem assiste contrasta com o prazer sentido pela personagem. Com a trilha sonora de tensão dando espaço para inserção de uma música clássica, calma, “romântica” - não diegética, já que ela não está ouvindo de fato – há a complementação das sensações da personagem que dança após o ato horrendo. Tudo isso se estabelece no que Ángel Rodríguez (2006) determina como valor agregado som-imagem, que diz respeito ao enriquecimento da informação por meio dessa condição do audiovisual de interdependência entre o visual e o sonoro. O rock frenético do carro retorna lentamente a sua intensidade natural, dessa vez em *onscreen*, trazendo a narrativa de volta ao “real” por meio da visão interna da caminhonete e é cessado com o retirar das chaves, findando assim a cena aqui analisada.

2.4 A importância discursiva da trilha sonora

É inegável que essa cena não seria a mesma sem a trilha, um dos principais recursos usados nas produções de horror/terror. Nesse produto, através da música de suspense, do rock frenético e da melodia clássica/romântica, ela ajuda a tecer junto às imagens as atmosferas de tensão, frenesi e prazer, respectivamente. Sem a inserção e a mudança entre essas diferentes trilhas, a expressividade da cena não seria tão explícita e característica, o que dificultaria a transmissão de sensações ao espectador. No entanto, o silêncio também é um elemento essencial na narrativa, já que consegue, além de deixar dúvidas, estabelecer a divisão entre os momentos citados e somar no suspense das cenas, principalmente a partir da criação de expectativa.

Para além do que os sons sugerem, destaca-se a perspectiva subjetiva de Pearl: uma mulher que encontrou no assassinato a êxtase que poderia ser adquirida com o sexo.

Dentro disso, a sequência das músicas sugere exatamente a troca de sensações que se instalam durante uma relação sexual: o frio na barriga pela trilha de tensão, a adrenalina expressada pelo rock frenético e o som interno objetivo do grunhido de Pearl, que pode ser lido como um orgasmo, sustentado por uma melodia romântica que conota satisfação. West pretendia ilustrar, através de músicas e efeitos sonoros, uma possível analogia entre duas práticas antagônicas: a prazerosa (o sexo, a origem da vida) e a trágica (a morte).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entender as classificações sonoras, suas aplicações e funções é um exercício que quebra a barreira da análise e propõe uma visão alternativa das técnicas sonoras empregadas em produtos audiovisuais. A organização narrativa, sobretudo no cinema de horror, se efetiva de maneira bem sucedida através da capacidade do som em conduzir a maior parte de sua experiência sensorial e emocional, bem como na interpretação do todo.

Embora o domínio desses conceitos conflite com uma recepção mais inconsciente e livre de predições, ouvir além do que está dado e perceber a intenção a partir da qual a direção de um produto trabalha o som contido nele pode levar a interpretações que uma postura mais passiva não permitiria. Logo, entender que não existe uma superioridade de determinado sentido sobre outro é essencial para a concretização do audiovisual. Os sentidos possuem funções específicas e atuam em conjunto, em nome da “audiovisualidade” e sua persuasão sensível.

REFERÊNCIAS

CARREIRO, Rodrigo. **Sobre o som no cinema de horror**: padrões recorrentes de estilo. Revista Ciberlegenda. UFF. N° 24 – Vol.1, 2011. p. 43-53.

RODRÍGUEZ, Angel. O som na narração audiovisual. In: **A dimensão sonora da linguagem audiovisual**. São Paulo: Senac São Paulo, 2006. p. 271-337.

SHUM, Lawrence R. **Funções e aplicações do som na comunicação audiovisual**. In: ENCONTRO DA UNIÃO LATINA DE ECONOMIA POLÍTICA DA INFORMAÇÃO, DA COMUNICAÇÃO E DA CULTURA, 2, Bauru, 2008. p. 1128-1147.

X - A Marca da Morte. Direção: Ti West. Produção: Kevin Turen. Nova Zelândia: PlayArte, A24 e Bron Studios INC, 2022. (105), son. color. Disponível em: https://www.primevideo.com/dp/amzn1.dv.gti.20896a20-3dcf-4a67-a19d-00d4a7b3de3d?autoplay=0&ref_=atv_cf_strg_wb. Acesso em: 13 mai. 2023.